

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O PROGRAMA DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS NA ESCOLA¹ TEACHER FORMATION FOR THE CHILD TEACH OF PHILOSOPHY INSIDE THE SCHOOL

Amarildo Luiz Trevisan *, Catia Piccolo Viero **, Elaine Conte ***

Resumo

O artigo visa a relatar as reflexões surgidas a partir da implementação de um projeto de pesquisa e extensão do CE/UFSM, objetivando a *reconstrução* da metodologia de educação para o pensar, a partir da realização de uma experiência em quatro escolas municipais de Santa Maria - RS/Brasil. A crítica desconstrutiva ao ensino de Filosofia faz com que a disciplina perca as certezas procedimentais da via oferecida pela metafísica da subjetividade. Por isso, torna-se necessário repensar a *práxis* filosófica nas escolas, para além do contexto de crise do paradigma epistemológico dominante na modernidade, o qual funciona como alicerce da prática pedagógica moderna. As idéias de Lipman, Habermas e Paulo Freire auxiliam a repensar a formação filosófica de professores, promovendo a necessária inserção crítica da Filosofia na escola básica.

Palavras-chave: metodologia, Filosofia, formação de professores.

Abstract

The present article is an attempt to relate the reflections obtained from the implementation of a research and extension project from the CE/UFSM, viewing the reconstruction of the education methodology for the thinking from an experience with four municipal schools in Santa Maria - RS/Brasil. The deconstructive critique to the teaching of Philosophy takes the discipline to a loss of procedural certainties of the way offered by metaphysics of subjectivity. So far, it becomes necessary the rethinking of the philosophical praxis in schools beyond the context of epistemological paradigm crisis, dominant in modern times. Lipman, Habermas and Paulo Freire's ideas help the rethinking of the philosophical formation of teachers, promoting the necessary critical insertion of Philosophy in schools.

Key-words: methodology, Philosophy, formation of teachers.

¹ Texto resultante de projeto financiado pela FAPERGS e apresentado no Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia, realizado na Universidade Metodista de Piracicaba/SP, 2000.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação-CE/UFSM, coordenador do Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação - CNPq (Home Page www.ufsm.br/filosofiaform).

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – CE/UFSM.

*** Acadêmica do Curso de Pedagogia-CE/UFSM e Bolsista da FAPERGS.

Considerações introdutórias

A educação herdou da modernidade uma racionalidade baseada em interesses econômicos, que direcionam o pensamento e impedem muitas vezes o exercício da reflexão humana. A presença dessa razão nas escolas torna-as incapacitadas e confusas diante do contexto de mudança social e da globalização. As contradições existentes geram uma grande preocupação dos profissionais da educação em relação ao papel da escola. A maioria das instituições escolares encontram-se dicotomizadas em relação às exigências da ordem sistêmica racionalizada e ao processo de libertação do homem. Acredita-se que, através da implementação da Filosofia nas escolas, no sentido da reflexão-crítica, é possível ao homem conquistar a autenticidade da razão e, em conseqüência, superar a crise na base do saber racional ensinado nas escolas.

Para contemplar essa proposta, um pequeno grupo de alunos e professores do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria desenvolveu a experiência de um projeto de pesquisa e extensão, o qual visava a assessorar a implementação, no ensino infantil e fundamental das escolas públicas de Santa Maria-RS/Brasil, da proposta de formação de professores para o programa de Filosofia com crianças e jovens. Baseados nas idéias de Lipman, Habermas e Paulo Freire, objetiva-se, de modo específico, diagnosticar os principais problemas de ensino-aprendizagem existentes nas escolas, auxiliando a prática docente dos professores, à luz da proposta de uma educação para o pensar; avaliar a *práxis* nas escolas de ensino infantil e fundamental, de um ponto de vista filosófico, considerando a natureza dos conteúdos e métodos empregados; averiguar a possível contribuição da Filosofia no trabalho com crianças e jovens para a criação de práticas de caráter inter e transdisciplinares nas escolas; auxiliar a construção de uma didática e de uma produção textual, com o intuito de reconstruir a metodologia da educação para o pensar, de forma adequada à realidade das escolas da região centro do estado do RS/Brasil; desenvolver nas crianças atitudes de solidariedade, de convivência democrática e de espírito de pesquisa, facultando a transformação da sala de aula numa verdadeira comunidade de investigação.

No primeiro contato, foi apresentada às cinqüenta e cinco escolas da rede municipal a proposta da implantação do projeto de pesquisa, com os devidos esclarecimentos intencionais e informações gerais sobre o programa. A seguir, foi solicitado às escolas interessadas que enviassem, via correspondência, seus interesses e justificativas para a implementação da proposta. Obteve-se retorno de onze escolas, as quais demonstraram uma clara convicção na implementação do programa de Filosofia. Através das justificativas nas correspondências, foi possível visualizar a preocupação dos professores em renovar os métodos de ensino-aprendizagem em evidência, pois estavam certos de que a sistemática adotada até o momento não acompanhava criticamente os processos de mudanças sociais.

Em seqüência, foram realizados alguns encontros com representações das escolas, com vistas ao aprofundamento teórico das bases do trabalho pedagógico da Filosofia. Nessas conversas, percebeu-se que muitos professores são profissionais conscientes da ilegitimidade da razão educacional, querendo trabalhar fora dos modelos das cartilhas habituais, numa dinâmica reflexiva e crítica do sistema social. Tem-se por aí um indicativo de que as escolas necessitam libertar-se das patologias causadas pela instrumentalização do trabalho escolar, produzida pela ideologia do mercado. Muitas vezes, falta um envolvimento interativo maior das universidades, para situar as escolas no eixo das grandes linhas teóricas que definem o caráter pedagógico do ato filosófico.

A crítica desconstrutiva pós-moderna ao ensino de Filosofia

A dificuldade em discutir a proposta de Filosofia com crianças e jovens, no contexto filosófico pós-moderno, se deve, de forma imediata, aos pressupostos embutidos na palavra formação. Lyotard faz uma crítica ao ensino de Filosofia, no último capítulo de seu texto *O Pós-Moderno explicado às Crianças*, em que salienta o fato de que, em torno da palavra formação, em torno da Pedagogia e da reforma, se decide na reflexão filosófica um núcleo essencial. Tem como pressuposto que o espírito dos homens deve ser “reformado”. Assim, formar quer dizer que um mestre vem ajudar a emancipar o espírito possível da infância a realizar-se, sendo possível suportar a infância do pensamento. Por isso, a modernidade colocou a escola no centro do interesse popular e prático da razão no mundo, e esses interesses são contraditórios. A tarefa filosófica viu-se confundida com a da emancipação, com o objetivo da formação do cidadão na república. Nessa perspectiva, há o pressuposto de que o mundo pede à Filosofia que legisle prática e politicamente, instruindo os professores no sentido do senso comum, preconizando a sedução e prescrevendo a captação da indulgência das crianças através de estratégias demagógicas. A Filosofia torna-se matéria de opção, ou é relegada para o superior, ou ensinada apenas em certos estabelecimentos do secundário. Tudo aponta para uma saída desse gênero, façamos o que fizermos, também temos de elaborar uma conduta para o pensamento.

Desse modo, observa-se que o pós-modernismo de Lyotard rejeita o ensino de Filosofia porque ele se encontra alicerçado sobre a investigação do paradigma do cogito, da “metáfora da mente como espelho”, como guia ou mapa explicativo do conhecimento. Lyotard reconhece que esse modelo funciona como um falso fundamento, um alicerce teórico-epistemológico ou metanarrativa para a estruturação do discurso moderno da emancipação. Porém, para o pós-modernismo, o espelho é multifacetado em infinitas imagens do real, a partir do momento que se considera todas as narrativas em pé de igualdade e não mais umas tendo privilégio de superioridade sobre as outras. Nessa aspecto, fragmentando-se irretocavelmente, a existência de múltiplas narrativas (do progresso, da emancipação, da igualdade, etc.) significa a prevalência de uma consciência fracionada em que as representações se diluem e se diversificam ao se tocarem. É por isso que, os ideais da *Aufklärung*, que historicamente iluminaram e justificaram a prática pedagógica, não encontram mais legitimidade no contexto pós-moderno, pois, como sugere o título de um artigo de Lyotard, neste cenário “O saber já não é um meio de emancipação.” (1993).

Uma educação voltada para o pensar goza de pouco espaço no sistema curricular moderno, no sentido de não se enquadrar como um conhecimento científico ou técnico, tornando-se matéria de opção, porque altera a ordem assimétrica do currículo. Toda a relação educacional que o poder normalizador pode assumir é profundamente desafiada pela crítica pós-moderna. Assim, o pós-moderno condena, na modernidade, a questão da hierarquização do conhecimento por trabalhar a questão curricular racionalmente num sistema funcionalista. Mas essa crítica traz também conseqüências positivas para o ensino de Filosofia. A pós-modernidade enfatiza o conhecimento que surge na linguagem mutável, relativa e contextual, considerando as diferentes formas culturais. Nesse sentido, ela desacredita das hierarquizações de saberes e faz uso do currículo para que seja repensado na tentativa de implementação de níveis diferenciados de conhecimento, reconhecendo, no sistema, a Filosofia em pé de igualdade com as outras áreas de ensino.

A reconstrução do ensino de Filosofia na escola básica

Jürgen Habermas vê possibilidades de superação das teses pós-modernas, não do ponto de vista de um reforço à metanarrativa da emancipação, mas fundamentando numa teoria que dê conta reconstrutivamente da relatividade dos vários contextos lingüísticos. Por isso ele tem insistido na idéia de que ainda é possível um fundamento, a partir de uma teoria que disponha de um *status* falível, e, portanto, criticável. Essa teoria pode superar a relatividade dos jogos de linguagem, pois, a cada vez que agimos comunicativamente, temos presente a intenção de veracidade em nossos enunciados. Segundo a *teoria da ação comunicativa*, ao proferir a sentença lingüística, o falante alimenta uma pretensão à verdade, ou seja, há um *telos* do entendimento que é encontrável em todos os jogos de linguagem. Tal pretensão é inevitável, sendo um quase a priori da comunicação, correspondente à instância performativa da linguagem. O *referente* encontra-se no mundo vivido; portanto, são as condições ideais de fala do cotidiano, em que imperam acordos válidos, livres da coação sistêmica. Por esse caminho, é possível a comunicação entre as *diferenças* e o *não-idêntico*, impregnados em todos os discursos. Daí a fecundidade para a educação do aprofundamento das discussões de Habermas com os pós-modernos em geral. Nesse aspecto, pode-se propiciar a discussão de uma base racional para construir um saber da educação, questionando filosoficamente o sentido cognitivo, ético e estético de seus procedimentos.

Através da teoria da ação comunicativa, Habermas pretende radicalizar as formas da modernidade. Para ele, a educação deve articular-se, através da linguagem comunicativa, para entender e interpretar as patologias sociais. Em **O Discurso Filosófico da Modernidade** afirma:

Quando, pelo contrário, entendemos o saber como transmitido de forma comunicacional, a racionalidade limita-se à capacidade de participantes responsáveis em interações se orientar em relação a exigências de validade que se apresentam sobre o reconhecimento intersubjetivo. A razão comunicacional encontra seus critérios no procedimento argumentativo da liquidação direta ou indireta de exigências de verdade proposicional, presteza normativa, veracidade subjetiva e coerência estética. (1990, p.291)

Das palavras de Habermas se traduz a idéia de uma educação capaz de oportunizar o desenvolvimento humano para uma vida prática intersubjetiva. Faz-se necessário um saber que desperte a inquietude, que proporcione um diálogo interpretativo da realidade, responsabilizando os indivíduos no sistema social.

É nesse sentido que atualmente o projeto tem seu andamento, na medida em que visa a oferecer aos professores oportunidades de se engajarem num processo de linguagem comunicativa. Neste sentido, os professores estão construindo diferentes metodologias de ensino e aprendizagem ligadas à proposta de Filosofia com crianças, através de uma comunidade de investigação capaz de relacionar as temáticas com os fatos do cotidiano e questionar os propósitos de verdade normalmente aceitos pela sociedade.

A seguir, vamos expor algumas reflexões que surgem do esforço de compreender a necessidade da reconstrução da educação para o pensar. Com isso, a reflexão não permanece apenas no momento da desconstrução crítica, mas avança para a

reconstrução de práticas pedagógicas habituais, com vistas à formação dos professores para o trabalho de Filosofia com crianças e jovens na escola.

A proposta de formação filosófica dos professores

A escola produz e reproduz saberes e valores afirmados socialmente. Para isso se vale da complexidade do currículo e do conjunto de práticas discursivas e não discursivas que abriga. Nessa instituição, cujo estado de crise permanente e crescentemente agravado é evidente neste começo de século, vem-se inserindo a metodologia da educação para o pensar. Filosofia com crianças é um movimento postulado para reformar o ensino escolar, de maneira que busque a real efetividade e solidificação, a partir das condições que a escola impõe. Dessa maneira, propomos um modo de contextualizar a Filosofia na escola para que esteja inserida nas práticas discursivas habituais das crianças e que não seja excepcional como “atividades extracurriculares”. Essa inserção propicia uma melhor integração com as outras atividades da escola, no sentido de que desenvolve, tematiza e problematiza muitas das habilidades e disposições que são postas em jogo nas outras áreas. Partir-se de atividades lúdicas, é fundamental não só para que a Filosofia seja vivida com alegria e fascinação, mas também para que seja algo interessante e prazeroso. Assim, a Filosofia cumprirá a sua função de disparador e meio de investigação e do questionamento filosófico. Não se trata de resolver unilateralmente a prática da Filosofia, mas de estabelecer pautas concretas, dinâmicas e flexíveis que respaldem e potenciem as possibilidades do trabalho coletivo.

A Filosofia busca uma construção coletiva através do diálogo edificante que prima pelo respeito, a liberdade e a cooperação. É por isso que propomos uma relação reflexiva, crítica e criativa o mais cedo possível. Trata-se de encontrar um lugar comum, compartilhado, em que se inicie a busca do questionamento, sentido e significação dos atos. A motivação e participação do professor em garantir a compreensão de um texto por parte da totalidade dos alunos, de acordo com o interesse, torna-se o ponto de partida da indagação filosófica. Toda Filosofia surge quando se problematiza o mundo e todo problema tem sua origem numa pergunta. A Filosofia privilegia tipos especiais de perguntas, complexas, problemáticas, cuja habilidade para gerar e considerar se propõe a desenvolver especialmente com crianças e jovens. É importante frisar que a discussão é o coração da prática filosófica e que, ao longo do tempo, deve se tornar a espinha dorsal do trabalho. Facilitar uma discussão filosófica é uma arte que requer disposição, método, saberes e, ao mesmo tempo, prática e exercício, por isso que os melhores docentes de Filosofia não são os detentores da sabedoria, mas aqueles que mais desejam o saber. Assim, aos professores cabe o importante papel de ajudar a desenvolver nos educandos a dimensão filosófica de seu pensar, partindo de sua prática pensada e repensada unida a novas leituras e troca de idéias pelo diálogo investigativo, ampliando sua compreensão e descobrindo novas e melhores formas de realizar sua prática pedagógica. Um aspecto fundamental da atividade do educador é a manutenção de uma reflexividade atenta e propiciadora da dúvida. Através de uma postura democrática, o professor deverá ser sensível ao contexto, no sentido de propiciar a criação de uma posição filosófica própria nos educandos, com a necessidade de traçar e transitar caminhos fecundos. Com o estudo da Filosofia, busca-se enriquecer a prática educativa para o pensar, de modo que o professor não se detenha somente na prática conteudista, mas que propicie a internalização do hábito do pensamento reflexivo, a fim de construir um conhecimento efetivo e significativo que garanta subsídios para a vida adulta.

No momento em que a educação se torna interpretativa da realidade, ela

liberta os sujeitos da razão alienadora e os promove às dimensões da criatividade, da criticidade, da ética e da estética. Atualmente o ensino de Filosofia tem ganhado cada vez mais consistência na educação brasileira, devido ao seu poder de polemizar situações do cotidiano. Então, junto à proposta de formar professores para o ensino de Filosofia, a escola tem a oportunidade de construir uma nova postura pedagógica capaz de desenvolver nos educandos habilidades para o pensar e o agir próprios, radicalizando-se num sistema revolucionário e comunicativo, tornando-se autônoma e com esperanças de construir um mundo melhor. Considera-se que a implementação de uma educação para o pensar nas práticas escolares, através da formação dos professores, pode facilitar o atendimento das novas transformações de época e o exercício da cidadania.

Conclusão

Há mais ou menos trinta anos, Matthew Lipman começou a desenvolver uma proposta que tinha como pressuposto básico pensar a Filosofia inserida na formação educacional básica. Hoje, essa preocupação com o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças e jovens vem se mantendo com a idéia de vivenciar uma educação reflexiva com as crianças e jovens através da Filosofia. Com a leitura filosófica, não se ensina apenas aquilo que é preciso ler, mas que não se acaba de ler.

As escolas públicas de Santa Maria e região central do estado do RS carecem, principalmente no nível de ensino infantil e fundamental, da experiência de uma *práxis* filosófica mais efetiva. Em função dessa situação, acreditamos que o Programa de Filosofia com Crianças e Jovens apresenta uma proposta oportuna nesse sentido. Ele pode servir de base ou de referência teórica para o efetivo incremento da discussão do ensino de Filosofia na sala de aula, principalmente levando em consideração a contribuição da Filosofia para a adoção das práticas de caráter inter e transdisciplinar. Sem dúvida, esse é o grande problema para o ensino das disciplinas científicas no âmbito escolar, dada a maneira fragmentária e isolada com que são repassados normalmente os conhecimentos para os educandos. Temos certeza de que é oportunizada às escolas públicas uma importante experiência em termos de discussão sobre a implementação do ensino de Filosofia na região, que pode contribuir significativamente para a formação do pensar reflexivo, das práticas comunicativas e transformadoras. Além disso, com o desenvolvimento do raciocínio argumentativo, colabora-se também para o aprofundamento das práticas de convívio democrático nas escolas e, por decorrência disso, também da sociedade.

Uma metodologia reconstrutiva de educação para o pensar deve levar em consideração a formação cultural do seu contexto de inserção. Essa perspectiva multicultural diferenciada propõe, em nossa realidade, uma correção imediata da proposta de educação para o pensar, a saber: o ensino de Filosofia se faz *com* e não *para* crianças e jovens. Rejeita também as cartilhas usuais previamente elaboradas, principalmente aquelas que desconsideram a interlocução de saberes com os sujeitos do contexto de mudança, como requer a pedagogia freireana. Desse modo, fundamentalmente Filosofia com crianças e jovens se constitui como uma provocação para pensar e repensar nossas idéias e práticas filosófico-educacionais. Trata-se de uma fonte de inspiração para pensar como o lúdico integra-se ao didático, o mágico ao filosófico, para que se desenvolva, enfim, um pensamento crítico e criativo com crianças, jovens e professores.

Bibliografia

COSTA, Maria C.V. **A realidade do ensino de Filosofia nas escolas de 2º grau de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1989. Relatório de pesquisa.

____. **O ensino de Filosofia: revisando a história e as práticas curriculares**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRGS, jan-jun, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Col. Leitura).

____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993. (Col. Questões da nossa época).

HABERMAS, Jürgen. **A idéia de universidade: processos de aprendizagem**. Revista de Educação. Lisboa. Vol. 1. Nº 2. 1987a

____. **A nova intransparência**. A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. In: Novos Estudos. São Paulo: CEBRAP, nº 18. 1987b.

____. Modernidade - um projeto inacabado. In: ARANTES, Otília B. Fiori; ARANTES, Paulo E. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. São Paulo: Brasiliense, 1992, c 1981.

____. **O Discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Publicações D. Quixote. 1990.

____. **Teoría de la acción comunicativa**. vol. I, Racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus. 1987.

____. **Teoría de la acción comunicativa**. vol. II, Crítica de la razón funcionalista. Madrid: Taurus. 1987.

JORGE, Leila. **Inovação curricular**. Além da mudança dos conteúdos. Piracicaba: Unimep, 1994.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.

____. **O pensar na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

____; SHARP, Ana M. ; OSCANYAN, F. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.

____. **O pós-moderno explicado às crianças**. Lisboa: Editora Publicações D. Quixote Ltda., 1993.

____. O saber já não é um meio de emancipação. In: KECHIKIAN, Anita. **Os filósofos e a educação**. Lisboa: Ed. Colibri, 1993.

TREVISAN, Amarildo Luiz; WILLIGES, Flávio; TREVISAN, Tatiana. A filosofia e sua função orientadora para a juventude secundarista e universitária. In: ROSISKI, Elsa C. Santos. **Rumo à universidade: um projeto de vida**. Ijuí: SEDIGRAF, 1996.

____; WILLIGES, Flávio; TREVISAN, Tatiana. A educação do jovem para o filosofar nos paradigmas de currículo. IN: **Cadernos do SOEPPES**. Santa Maria:UFSM, Ano 1, Vol. 1, 1998.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Filosofia da educação: mimesis e razão comunicativa**. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 2000.

____. **Pedagogia das imagens culturais: da formação cultural à formação da opinião pública**. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 2002.